

*Estabilizar com
contra-ressonador
de polaxis?*

*NOTA: deve
ser refinado
em 3 etapas*

⊗ SALAS DE AULA

Salão de
Leitura

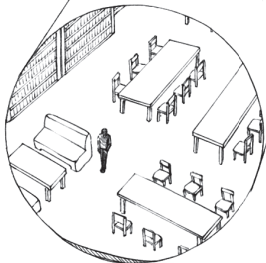
Calouros

Segundo ano

Terceiro ano

Veteranos

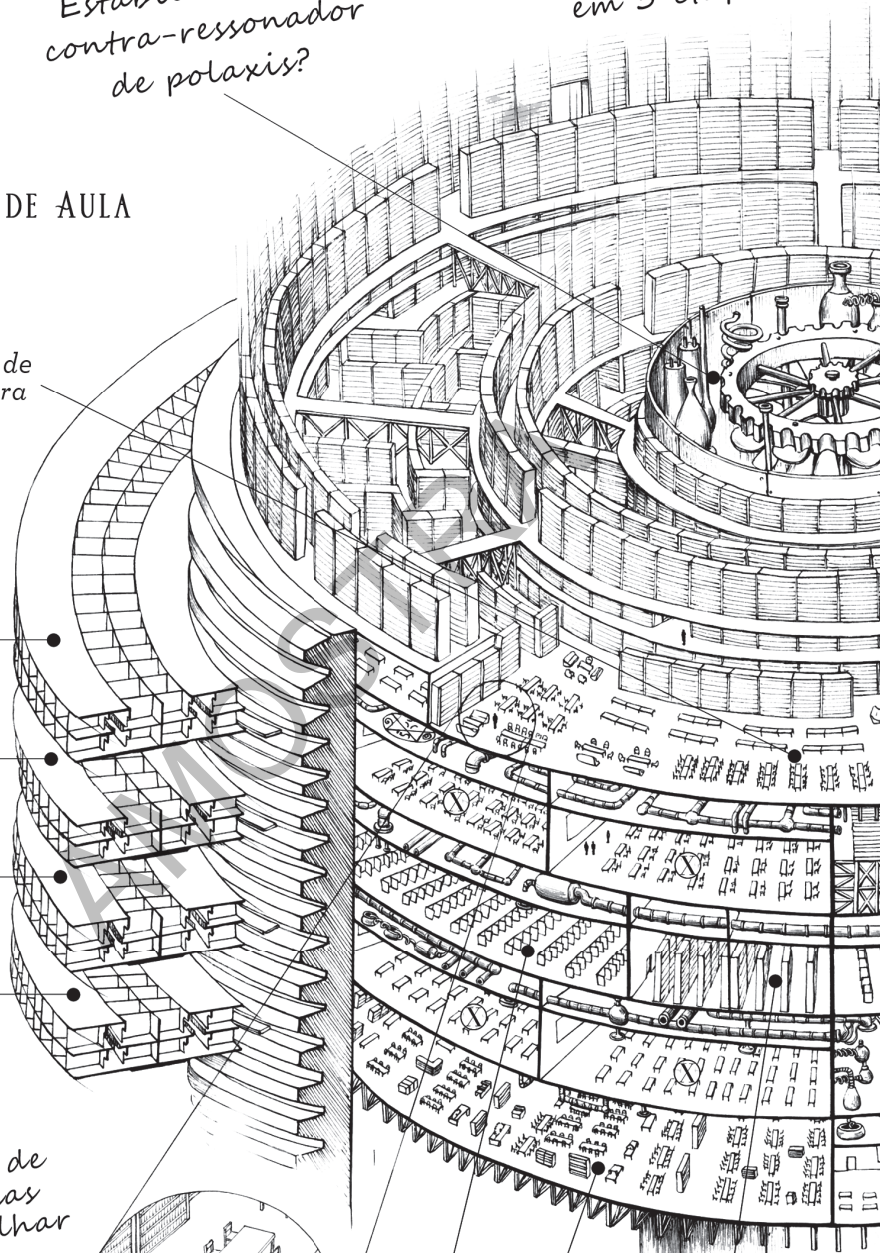
*Usar salas de
aula vazias
para trabalhar
quando a
biblioteca
estiver cheia?*



Laboratório
de Línguas

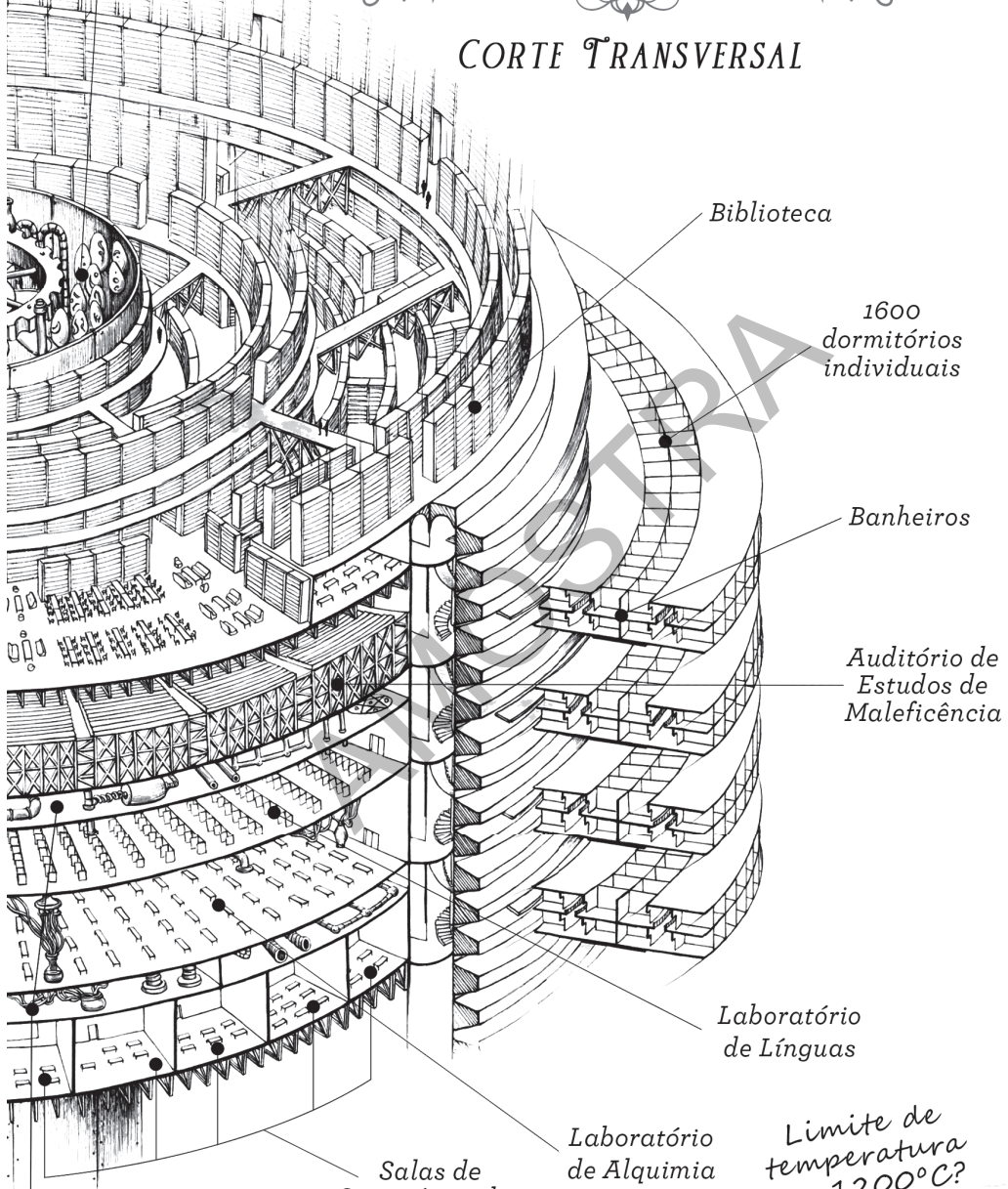
Oficina

Almoxarifado



+ A SCHOLOMANCE +

CORTE TRANSVERSAL



Biblioteca

1600
dormitórios
individuais

Banheiros

Auditório de
Estudos de
Maleficência

Laboratório
de Línguas

Laboratório
de Alquimia

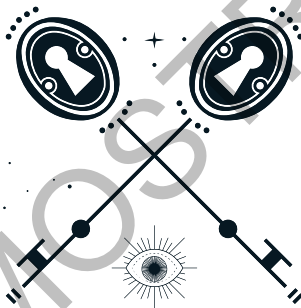
Salas de
Seminários dos
Veteranos

Espaços intersticiais:
encanamentos e
artifícios operacionais

Limite de
temperatura
em 1200°C?
Laboratório dos
Veteranos, 1600°C?

O ÚLTIMO

GRADUANDO



TRADUÇÃO LAURA POHL

· Segundo Ensino da Scholomance ·

NAOMI NOVIK



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022

Capítulo 1

VÍBORASAC

FIQUE LONGE DE ORION Lake.

A maioria das pessoas religiosas ou espirituais que eu conheço — e, para ser sincera, a maioria delas é do tipo que acaba indo para uma comunidade vagamente pagã no país de Gales, ou são bruxos adolescentes apavorados enfiados numa escola que está tentando matá-los — regularmente suplica a alguma divindade benevolente, amável e todo-poderosa que providencie conselhos úteis por meio de agentes como sinais milagrosos ou avisos. Falando como filha de minha mãe, posso dizer com autoridade no assunto que não gostariam nada se fossem respondidos. Você não *quer* um conselho misterioso e sem explicação de alguém que sabe ter seu melhor interesse em mente e cujo julgamento é sem dúvidas correto, justo e verdadeiro. Ou te dirão para fazer o que você já queria, e nesse caso você não precisaria de conselhos, ou te dirão para fazer o contrário, e nesse caso você vai ter que escolher entre seguir o conselho com amargura, como uma criancinha que foi forçada a escovar os dentes e ir para a cama num horário razoável, ou ignorar o conselho e seguir em frente com agitação, sabendo o tempo todo que este caminho te levará diretamente à dor e à decepção.

Se você está se perguntando qual das duas opções eu escolhi, então não me conhece bem, já que a dor e a decepção são obviamente meu destino. Eu nem precisei pensar no assunto. O bilhete de mamãe foi de boas intenções infinitas, mas não era comprido: “Minha querida filha, eu amo você, seja corajosa, e fique longe de Orion Lake”. Eu o li inteiro numa única olhada e o piquei em pedaços imediatamente, parada em meio aos outros calouros que se demoravam. Eu mesma engoli o pedaço do bilhete com o nome de Orion e repassei o resto adiante.

— O que é isso? — disse Aadhya. Ela ainda estava estreitando o olhar para mim, indignada.

— Ajuda os ânimos — falei. — Minha mãe colocou nó papel.

— Ah sim, sua *mãe*, Gwen Higgins — disse Aadhya, ainda mais distante. — De quem você fala tantas vezes.

— Ah, só coma logo — falei, tão irritada quanto conseguia soar depois de ter acabado de engolir meu próprio pedaço. A irritação não era tão difícil de fabricar quanto costumava ser. Não conseguia pensar em nada de que havia sentido falta aqui, nem mesmo o sol, o vento ou uma noite de sono segura, tanto quanto sentia falta de mamãe. Então, foi isso que o feitiço me deu: a sensação de estar aninhada na cama dela com minha cabeça em seu colo, sua mão fazendo cafuné gentilmente no meu cabelo, o cheiro das ervas com as quais ela trabalha e a terra úmida da primavera galesa. Teria me animado imensamente se eu não estivesse ao mesmo tempo tão profundamente preocupada com o que ela estava tentando me dizer sobre Orion.

As possibilidades divertidas eram infinitas. A *melhor* era que ele estava destinado a morrer jovem e de uma maneira horrível, o que, dado sua preferência pelo heroísmo, era facilmente previsível de qualquer forma. Infelizmente, me aproximar de um herói trágico ou qualquer coisa do gênero não é o tipo de coisa sobre a qual mamãe tentaria me alertar. Ela é bem do tipo que pensa “aproveite a vida, que ela é curta”.

Mamãe só me avisaria sobre algo *ruim*, não algo *doloroso*. Então, obviamente Orion era o maleficiente mais brilhante do mundo, e estava escondendo seus planos vis ao salvar as vidas de todo mundo várias e várias vezes só para poder, sei lá, matar todo mundo depois? Ou talvez mamãe estivesse preocupada por ele ser tão irritante que *me* motivaria a me tornar a maleficiente mais brilhante do mundo, o que é provavelmente mais plausível, já que esse já era supostamente o meu destino de qualquer forma.

É claro que a opção mais provável é que nem mesmo mamãe saiba bem. Talvez ela só tenha uma sensação ruim sobre Orion, por uma razão que não saiba dizer, mesmo tendo me escrito uma carta de dez páginas frente e verso. Uma sensação tão ruim que ela fez um mochilão a pé até Cardiff para encontrar o calouro mais próximo e pediu aos pais dele para me enviarem um bilhete de uma grama. Estiquei a mão e cutuquei Aaron em seu ombro magrelo.

— Ei, o que minha mãe deu pros seus pais por trazerem essa mensagem?

Ele se virou e disse, incerto:

— Acho que nada? Ela disse que não tinha nada com o que pagar, mas pediu para falar com eles em particular, então entregou a carta para mim, e minha mãe apertou um pouco mais a minha pasta de dente pra abrir espaço.

Isso pode parecer pouca coisa, mas ninguém desperdiça a quota de peso de duração de quatro anos em pasta de dente comum – eu mesma escovo meus dentes com o bicarbonato de sódio do estoque do laboratório de alquimia. Se Aaron havia trazido uma pasta de dente, continha algum tipo de encanto: útil quando você não vai poder ir a um dentista durante os quatro anos seguintes. Ele poderia facilmente ter trocado esse resto de pasta com alguém que estava com dor de dente por uma semana inteira de jantares extras. E os pais dele haviam tirado isso do próprio filho — mamãe *pediu* aos pais dele para tirar isso do próprio filho — só para me mandar um único aviso.

— Ótimo — falei, amarga. — Aqui, pega um pedaço.

Entreguei para ele um dos pedaços do bilhete também. Ele provavelmente precisava disso mais do que nunca, agora que foi sugado para dentro da Scholomance. É melhor do que a morte quase inevitável que espera por todas as crianças lá fora, mas não é muito melhor.

Então a fila da comida se abriu. A debandada de alunos interferiu com meu mau humor, mas, enquanto formávamos uma fila, Liu me perguntou baixinho:

— Tá tudo bem?

Eu só a encarei, sem expressão. Não precisava ler mentes nem nada — Liu tinha um olho bom para pequenos detalhes, entendia bem as coisas; ela gesticulou para o meu bolso, onde eu havia guardado o último pedacinho do bilhete. O bilhete cujo conteúdo verdadeiro eu não havia compartilhado, mesmo enquanto repassava pedaços com um encanto que deveria ter destruído qualquer mau humor. Minha confusão era porque... Porque ela perguntou. Não estava acostumada a pessoas perguntando sobre meu bem-estar, ou até mesmo notando quando estou chateada. A não ser que esteja chateada o suficiente para passar a impressão de que estou prestes a atear fogo em todos ao meu redor, o que de fato acontece com certa frequência.

Precisei pensar um pouco para decidir que, na verdade, não queria falar sobre o bilhete. Nunca havia tido a opção. Tê-la agora significava que... Que eu estava falando a verdade para Liu quando inclinei a cabeça como quem diz *sim, está tudo bem* e sorri para ela, a expressão um pouco estranha e esticada perto da boca, sem familiaridade. Liu sorriu de volta, e então estávamos na fila, completamente focadas na tarefa de encher nossas bandejas.

Havíamos perdido nossos calouros na confusão: obviamente, eles iam por último, e nós agora tínhamos o privilégio duvidoso de ir primeiro. Só que nada te impede de pegar uma porção extra no lugar deles se puder pagar o preço e, ao menos por hoje, podíamos. As paredes da escola ainda estavam um pouco quentes do ciclo de limpeza do final do semestre. Qualquer maleficência que não

tivesse sido queimada até virar pozinho de cinzas estava começando a rastejar para fora dos vários cantos escuros no qual haviam se escondido, e era improvável que a comida estivesse contaminada como sempre. Então Liu pegou caixas extras de leite para seus primos, e eu peguei outra porção de macarrão para Aaron, com relutância. Tecnicamente, não lhe devia nenhum favor por trazer o bilhete; pelas regras da Scholomance, tudo isso é resolvido lá fora. Só que ele não havia recebido nada por isso lá fora.

Era estranho ser quase uma das primeiras a entrar no refeitório quase vazio, uma enorme fila de alunos ainda sinuando perto das paredes, o número triplicado, os mais velhos cutucando os calouros e apontando os azulejos no teto, os bueiros no chão e os dutos de ventilação na parede aos quais deveriam prestar atenção no futuro. As últimas mesas dobráveis rapidamente preencheram o espaço aberto que havia sido deixado pela correria dos calouros, desdobrando-se de volta no lugar com guinchos e batidas. Minha amiga Nkoyo — poderia pensar nela como amiga? Achava que sim, mas não havia recebido um aviso brasonado formal, então permaneceria mais tempo na dúvida — havia chegado primeiro com os melhores amigos; estava em uma ótima mesa, posicionada no centro, exatamente entre as paredes e a fila, embaixo de apenas dois azulejos do teto, com o escoadouro mais próximo a quatro mesas de distância. Ela estava em pé e acenava para nós, fácil de enxergar: vestia uma blusa novinha e calças largas, cada uma com estampa de listras ondulantes nas quais, tinha quase certeza, encantamentos haviam sido tecidos. Esse é o único dia em que todo mundo aproveita para mostrar a única roupa nova que trazemos para cada ano — infelizmente, meu próprio guarda-roupa estendido foi incinerado no meu primeiro ano — e ela claramente havia guardado aquela roupa para o último ano. Jowani trazia duas grandes jarras de água enquanto Cora fazia os feitiços do perímetro.

Era estranho, andar pelo refeitório para ir ao encontro deles. Mesmo que não tivessem nos oferecido um convite de verdade, ainda havia várias boas mesas disponíveis, e todas as ruins. Já havia

conseguido escolher minhas mesas antes, mas isso sempre havia sido resultado de uma manobra ruim e arriscada, de chegar cedo demais no refeitório, geralmente por desespero de quando tive vários dias ruins de má sorte com minhas refeições. Agora era só algo comum. Todos que se aproximavam das mesas ao meu redor também eram do meu ano, ou seja, do último; conhecia a maioria deles pelo rosto, se não pelo nome. Éramos mil agora, sendo que começamos com 1600. Isso parece horrível, mas normalmente menos de 800 alunos conseguem chegar vivos ao começo do último ano. E, em geral, menos do que a metade desses sobrevive à graduação.

Só que o nosso ano havia mudado muito o andar da carruagem, e o responsável estava sentado na mesa ao meu lado. Nkoyo mal esperou eu e Orion nos sentarmos para falar:

— Funcionou? Conseguiram consertar o maquinário?

— Quantos males estavam lá embaixo? — Cora perguntou ao mesmo tempo, deslizando na cadeira quase sem fôlego, ainda tampando a pequena jarra de argila que havia usado para fazer um feitiço de perímetro ao redor da mesa.

Segundo o manual de etiqueta da Scholomance, elas não estavam sendo mal-educadas: tinham direito de perguntar, já que haviam conseguido a mesa — é uma troca mais do que justa por informação de primeira mão. Outros alunos do último ano estavam ocupados se apossando de todas as mesas próximas — o que nos dava um perímetro sólido de segurança — para conseguir escutar melhor; os que estavam mais longe se inclinavam e colocavam as mãos no ouvido sem vergonha nenhuma enquanto os amigos cuidavam da retaguarda.

Todo mundo na escola já sabia uma parte significativa da informação, isto é, contra as probabilidades, Orion e eu havíamos conseguido voltar vivos de nossa adorável excursão ao salão de graduação naquela manhã. No entanto, eu havia passado o resto do dia enfurnada no quarto, e Orion em geral evitava qualquer ser humano que não estivesse sendo devorado por males, então qualquer outra coisa que tivessem ouvido havia sido repassada pela corrente de fofocas da

escola, mas essa não é uma fonte de informação que inspira confiança quando se depende dela para ficar vivo.

Eu não estava animada para reviver a experiência recente, mas sabia que elas tinham o direito às informações que eu podia dar. E era sem dúvidas *eu* que podia fornecer isso, porque antes de a fila de comida se abrir, já havia escutado um outro aluno veterano de Nova York perguntando a Orion algo semelhante, e ele havia dito “Acho que foi tudo bem. Eu não vi muita coisa. Mantive os males afastados até acabar, e aí fomos levados de novo pra cima”. Não era nenhum tipo de bravata; foi literalmente o que ele achou do negócio todo. Matar mil males no meio do salão de graduação era só mais um dia de serviço. Quase senti pena de Jermaine, que estava com a expressão de alguém que tentava ter uma conversa importante com uma parede de tijolos.

— Um *monte* — falei para Cora, seca. — Estava lotado, e estavam famintos. — Ela engoliu em seco, mordendo o lábio, mas assentiu. Então me virei para Nkoyo. — Enfim, os artífices veteranos acharam que conseguiriam resolver. E demorou uma hora pra conseguirem, então espero que não estivessem só enrolando.

Ela assentiu, o rosto cheio de propósito. Não era uma questão acadêmica. Se nós havíamos *mesmo* conseguido consertar o equipamento no salão de graduação, então o mesmo maquinário que fazia a limpeza aqui duas vezes ao ano para incinerar os males que infestavam os corredores e as salas de aula também passaria por lá — e, presumivelmente, dizimaria um número substancial de males bem maiores e piores que estavam de bobeira no salão esperando a festa de graduação dos veteranos. Isso significava que provavelmente boa parte dos graduandos havia conseguido. Ainda melhor, que boa parte da *nostra* turma teria mais chance de passar.

— Você acha mesmo que conseguiram passar? Clarita e os outros? — perguntou Orion, franzindo o cenho para a bagunça de batatas, ervilhas e carne que estava fazendo no prato, que o refeitório ousava chamar de torta shepherd, ou torta de pastor, feita de carne de

cordeiro, mas que era só uma torta cottage, ou seja, feita de carne de vaca. Num dia ruim, poderia ter sido feita mesmo com o pastor de cordeiros. Independente do nome, ainda estava quente o suficiente para soltar fumaça, não que Orion estivesse apreciando esse estado milagroso.

— Vamos descobrir no final do semestre, quando for nossa vez de passar — falei. Se *não* tivéssemos conseguido fazer com que funcionasse, é claro, então os alunos mais velhos teriam sido arremessados para uma horda faminta de maleficências vis, e provavelmente seriam despedaçados em massa antes de conseguir chegar até as portas. E nossa classe se divertiria do mesmo jeito, daqui a trezentos e sessenta e cinco dias e contando. O que era um pensamento maravilhoso, e eu estava falando tanto para mim mesma quanto para Orion quando acrescentei:

— E já que não dá pra descobrir antes disso, não tem porquê ficar de mau humor sobre esse assunto, então dá pra parar de destroçar seu jantar inocente? Está me deixando sem apetite.

Como resposta, ele revirou os olhos para mim e enfiou uma colherada gigantesca na boca de forma dramática, mas isso deu a seu cérebro uma chance de notar que ele era um adolescente malnutrido, então começou a devorar a comida, atento de verdade.

— Se funcionou mesmo, quanto tempo acha que vai durar? — perguntou uma das outras amigas de Nkoyo, uma menina do enclave de Lagos que havia conseguido um lugar no outro lado da mesa só para ter acesso à conversa.

Essa era outra boa pergunta para a qual eu não tinha resposta, já que não era uma artífice. A única coisa que sabia sobre o que se passava atrás de mim — em mandarim, que eu não falo — era o número de palavras que havia saído da boca dos artífices que pareciam palavrões. Orion não sabia muito: havia ficado na nossa frente, matando males a rodo. Aadhya respondeu por mim.

— Nas vezes em que o enclave de Manchester consertou o maquinário no salão de graduação, os reparos duraram ao menos dois

anos, talvez até três. Eu apostaria que vá funcionar por ao menos mais um ano, e talvez o seguinte.

— Mas não... mais do que isso — disse Liu, baixinho, olhando para o outro lado da sala, na direção dos primos que estavam na própria mesa, junto de Aaron e Pamyra, a menina que havia trazido a carta de Aadhya, e mais um bom pessoal de outros calouros ao redor deles: o tipo de grupo que normalmente apenas enclavistas conseguiam juntar. Isso me surpreendeu, até que entendi que haviam captado um pouco do brilho de Orion, o herói do ano. Então me ocorreu que, possivelmente, um pouco desse brilho até poderia ter vindo de mim, porque agora, para todos os calouros, eu era uma veterana que também havia passado pelo salão, e não a esquisitona medonha do meu ano.

E... eu não era mais a esquisitona medonha aos olhos de ninguém. Tinha uma aliança de graduação com Aadhya e Liu, uma das primeiras forjadas no nosso ano. Havia sido convidada a me sentar em uma das mesas mais seguras do refeitório, por alguém que tinha mais escolhas. Eu tinha *amigos*, o que parecia ainda mais surreal do que sobreviver por tempo o suficiente para me tornar uma veterana, e eu devia isso — cada partezinha — a Orion Lake, e na verdade não me importava com qual seria o preço a pagar. Teria um, é claro. Mamãe não havia me avisado por nada. Mas eu não me importava. Eu pagaria, seja lá qual fosse.

Assim que aceitei esses termos dentro da minha cabeça, parei de me preocupar com o bilhete. Nem precisava mais desejar que mamãe não tivesse enviado nada. Ela tinha enviado porque me amava e não sabia diferenciar Orion de uma porção de batatas; não conseguiria deixar de me alertar se soubesse que eu estava em um caminho ruim por causa dele. E eu podia me reassegurar desse amor que ela sentia, e ainda assim decidir que estava pronta para pagar o preço. Coloquei os dedos no bolso para tocar o último pedaço do bilhete que havia guardado, o pedaço que dizia *corajosa*, e o comi naquela noite antes de dormir, deitada na minha cama estreita no nível mais baixo da Scholomance, e sonhei que era pequena novamente, que

corria por um campo aberto de grama alta demais, com flores roxas em formato de sino, e sabia que mamãe estava por perto, observando e contente por eu estar feliz.



Essa sensação quente e deliciosa durou só cinco segundos na manhã seguinte, que é o tanto que demorou para eu terminar de acordar. Na maioria das escolas, você tem direito a férias depois do fim do semestre. Aqui, a graduação acontece de manhã, a admissão à noite, e você parabeniza a si mesmo e a seus amigos sobreviventes por conseguirem viver por tanto tempo, e no dia seguinte começa o novo semestre. A Scholomance não é um ambiente propício para tirar férias, para ser justa.

No primeiro dia de aula, precisamos ir à nossa nova sala de orientação para arrumar nossos horários antes do café da manhã. Eu ainda estava me sentindo como pão mofado: uma ferida semicurada no estômago costuma piorar um pouco quando se é arremessado para todos os lados por feitiços puxa-puxa e tudo o mais. Eu havia deliberadamente programado um despertador para me acordar cinco minutos antes do fim do toque de recolher matutino, porque tinha certeza absoluta de que, onde quer que fosse minha sala de orientação, demoraria uma eternidade para chegar lá. Dito e feito: quando o pedaço de papel com minha alocação foi empurrado por baixo da porta às 5:59, indicava a sala 5013. Fuzilei o papel com o olhar. Os veteranos raramente são alocados em uma sala de aula acima do terceiro andar, então era de se esperar que eu ficaria satisfeita, mas essa era só a sala de orientação, e eu sabia que nunca teria uma aula *de verdade* tão lá em cima. Que eu saiba, *não há* aulas naquele andar — o quinto andar é onde fica a biblioteca. Provavelmente estava sendo mandada para uma sala de arquivo em meio às estantes com um punhado de estranhos azarados.

Nem escovei os dentes. Só enxaguei a boca com água da jarra e fui à luta enquanto os outros veteranos que haviam acabado de acordar arrastavam os pés rumo ao banheiro. Não me dei ao trabalho de ficar perguntando se mais alguém ia por aquele caminho: sabia que ninguém com quem eu conversava iria. Só acenei para Aadhya ao passar quando ela saiu do quarto com a *necessaire* de toailete, e ela assentiu, entendendo de imediato, e me fez um sinal de joinha como encorajamento enquanto ia buscar Liu: infelizmente, todos nós estávamos familiarizados com os perigos de um longo caminho até uma aula, e nosso ano agora tinha o maior caminho de todos.

Não havia mais para *baixo* para nós: ontem, assim que os dormitórios dos veteranos rotacionaram até o salão de graduação, os nossos tomaram seu lugar, no nível mais baixo da escola. Precisei trotar até a escadaria, e então fazer um caminho extremamente cauteloso até o andar das oficinas — sim, era só um dia depois da limpeza, mas nunca é bom ser o primeiro a entrar num andar de salas de aula pela manhã — e começar a subir os cinco andares de escadaria de degraus largos lá para cima.

O caminho parecia duas vezes mais longo do que o normal. As distâncias na Scholomance são extremamente flexíveis. Podem ser compridas, de maneira agonizante, ou quase infinitas, dependendo no geral do quanto você gostaria que fossem de outra forma. O fato de eu estar tão adiantada também não ajudou. Não vi nenhum outro aluno até estar arfando na subida dos dormitórios do segundo ano, onde os madrugadores haviam começado a aparecer nas escadas em grupos pequenos, a maioria estudantes de alquimia ou artífices com esperança de garantir lugares melhores nas oficinas e nos laboratórios. Quando finalmente cheguei ao andar dos novatos, o êxodo matutino de sempre já estava a toda, mas como todos eram calouros no primeiro dia de aula, sem a menor ideia de para onde ir, isso não acelerou a subida nem um pouco.

A única vantagem de toda essa viagem dolorosa é que segurei meu cristal de armazenamento no punho o tempo inteiro, concentrada em colocar mana nele. Ao fim do último lance de escadas,

quando meu estômago estava pulsando e minhas coxas estavam ardoendo em conjunto, cada um daqueles degraus subidos com vontade aumentou notavelmente o brilho que emanava entre meus dedos, e eu tinha conseguido preencher um quarto dele quando cheguei à sala de aula completamente vazia.

Precisava muito recuperar o fôlego, mas, assim que parei de me mexer, o alerta de cinco minutos ecoou lá embaixo. Tropeçar entre as estantes à procura de uma sala de aula que nunca sequer havia visto antes era atraso na certa — não era uma boa ideia — então, relutante, gastei um pouco do mana obtido a duras penas em um feitiço de encontrar. Alegrementemente, o feitiço apontou diretamente para uma seção completamente escura das estantes. Olhei para as escadas sem muita esperança, mas ninguém havia aparecido para se juntar a mim.

O motivo ficou claro quando finalmente cheguei à sala, que ficava atrás de uma única porta de madeira escura, praticamente invisível entre dois arquivos grandes cheios de mapas amarelados. Abri a porta esperando encontrar algo bem horrível lá dentro, e encontrei: oito calouros, todos se virando para me encarar como uma manada de veados pequenos e especialmente patéticos que estão prestes a ser atropelados por um caminhão gigante. Não havia sequer um aluno de segundo ano entre eles.

— Você só pode estar brincando — falei, revoltada, e então marchei até a primeira fileira e me sentei no melhor lugar da sala, o quarto lugar perto da porta.

O que pude fazer sem nem precisar encostar em ninguém, já que haviam deixado a primeira fileira bem vazia, como se ainda estivessem no ensino fundamental e não quisessem parecer puxa-saco do professor. Os únicos professores aqui são as maleficências, e elas não têm puxa-sacos, têm almoço.

As carteiras eram adoráveis móveis eduardianos originais, e com isso quero dizer que eram antiquíssimas, pequenas demais para mim, de quase um metro e oitenta, e incrivelmente desconfortáveis. Eram

feitas de ferro e seriam difíceis de empurrar em uma emergência; o tampo, pequeno demais para sequer comportar um pedaço de folha de anotações de tamanho normal, havia sido muito polido fazia mais ou menos uns 120 anos. Desde então, havia sido arranhado com tanto afinco que os alunos começaram a escrever mensagens em cima das pichações dos outros, só para ter espaço para suas mensagens de desespero. Alguém havia escrito *DEIXE-ME SAIR* várias vezes em uma elegante caligrafia vermelha por toda a borda da superfície em formato de L, e outro aluno havia passado uma caneta marca-texto amarela por cima dessa frase.

Só havia uma outra adolescente na primeira fila, e ela havia escolhido o que teria sido o melhor lugar, o sexto mais longe — mais esperta por conseguir um pouco mais de distância da porta — exceto pela saída de ar no chão duas cadeiras atrás dela. Que estava atualmente coberta pela mochila de um adolescente mais idiota, então não dava para saber que estava ali a não ser que tivesse visto que as outras três saídas de ar formavam um quadrado, que só faria sentido se houvesse uma quarta. Ela me observou entrando como se esperasse que eu fosse chutá-la da cadeira: a idade tem suas vantagens, e os veteranos raramente são tímidos em usá-las. Quando me sentei na melhor cadeira de verdade, ela olhou para trás, percebeu seu erro, e então apressadamente pegou a mochila e andou pela fileira.

— Esse lugar está ocupado? — perguntou ela, gesticulando para a cadeira ao meu lado, com um ar meio ansioso.

— Não — respondi, irritada.

Fiquei irritada porque fazia sentido deixar que ela se sentasse ao meu lado, já que isso apenas melhorava minhas chances ao aumentar o número de alvos próximos, e ainda assim eu não queria muito fazer isso. Ela era uma enclavista, sem dúvidas. Havia algum tipo de barreira no pulso dela; o anel sem graça no dedo era quase certamente um compartilhador de energia, e ela havia entrado aqui ativamente atenta à estratégia de Scholomance, sabendo, por

exemplo, identificar os melhores lugares numa sala de aula mesmo no primeiro dia, quando você está aturdido demais para se lembrar de todos os conselhos que seus pais te deram em vez de só se misturar aos outros alunos como uma zebra que tenta se esconder numa manada. Também havia o fato de que o livro de álgebra na mochila dela era em mandarim, mas ela tinha um bom exemplar de *Introdução à Alquimia* em inglês, e os cadernos estavam todos anotados no alfabeto tailandês, o que significa que ela era fluente o bastante para fazer aulas de magia em não apenas um, mas em dois idiomas estrangeiros. Considerando as consequências de cometer mesmo um pequeno errinho, é uma barra difícil de segurar para alguém de 14 anos. Era provável que ela tenha frequentado as aulas de idiomas mais caras que o dinheiro do enclave podia pagar desde os dois anos. Provavelmente estava planejando se virar num instante para avisar aos outros alunos que estavam sentados em lugares ruins e perigosos, para que entendessem que eram todos farinha do mesmo saco: um saco diferente do dela. Só fiquei surpresa por ela ainda não ter deixado isso claro.

Então um dos outros alunos atrás de nós disse timidamente:

— Oi, El?

Percebi que era um dos primos de Liu.

— Sou eu, Guo Yi Zheng — acrescentou ele, o que ajudou, já que eu havia saído da cerimônia de admissão com a confiança perfeita de que não veria nunca mais nenhum dos calouros, exceto por puro acidente, e nem havia tentado memorizar seus nomes.

Não tem muita mistura aqui dentro. Nossos horários se certificam disso. Os veteranos passam quase todo o tempo nos andares mais baixos, e os calouros ficam com as salas de aulas mais seguras nos andares mais altos. Se você é um calouro que costuma passar o tempo em lugares onde os alunos mais velhos ficam, está pedindo para ser comido, e algumas maleficências vão lhe conceder esse pedido.

Por outro lado, se você está em algum lugar com alguém mais velho por perto, é melhor ficar perto dele do que longe. Zheng já

estava pegando a mochila e se aproximando, o que era melhor, porque ele era o aluno mais perto da porta até então.

— Posso me sentar com você?

— Tá, claro — respondi. Não me importava com *ele*. Liu ser minha aliada não dava ao primo calouro dela nenhum tipo de privilégio comigo, mas ele nem precisava disso. Ela era minha *amiga*. — Fique de olho nas saídas de ar, até mesmo no andar da biblioteca — acrescentei. — E você estava perto demais da porta.

— Ah. Sim, claro, eu só estava... — disse ele, olhando para os outros alunos, mas eu o interrompi.

— Não sou sua *mãe* — falei, tentando parecer deliberadamente grosseira: você não está fazendo favor nenhum para um calouro ao deixar que ele imagine que existem heróis por aqui. Orion Lake não conta. Não poderia ficar salvando o garoto, já dava trabalho o bastante salvar a mim mesma. — Não preciso de uma desculpa. Só te disse. Pode ouvir ou ignorar.

Ele ficou em silêncio e se sentou, parecendo envergonhado.

É claro que ele estava certo em ficar próximo dos outros alunos: há um motivo pelo qual zebras andam em manadas. Só que não vale a pena deixar com que as outras zebras te coloquem numa posição muito ruim. Se você fosse azarado, aprenderia a lição quando o leão te comesse no lugar das outras. Se fosse como eu, aprenderia quando visse um leão comer outra pessoa, um dos alunos fracassados que não era tão fracassado quanto você e que, portanto, teve a permissão de se sentar no fim da fileira, entre a porta e os alunos que importavam de verdade.

E ele não tinha motivo nenhum pra deixar que o colocassem no fim da fileira, porque ele *era* um dos alunos que importavam, ou o mais próximo disso fora a menina do enclave. O fato de que a família de Liu está bem perto de fundar o próprio enclave é bastante conhecido. Eles já são um grupo grande o suficiente para Liu receber uma caixa com itens de segunda mão de um membro da família estendida,